

O “fenômeno do professor excedente”, formação e realidade de trabalho dos licenciados em Ciências Biológicas da cidade de Guanambi, interior da Bahia

The “Teacher Surplus Phenomenon”, the training and working reality of graduates in Biological Sciences of Guanambi, a country town in Bahia State

Maria Soares da Silva Teixeira¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
mssteixeira@yahoo.com.br

Talamira Taita Rodrigues Brito²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Taitadoc@gmail.com

Resumo

Apresentamos o que temos denominado de “fenômeno do professor excedente”, formação e realidade de trabalho dos professores licenciados em ciências biológicas da cidade de Guanambi/Ba. Nas investigações sobre a vida de trabalho desses professores, notamos uma prática muito comum na profissão: uma vez que a carga horária de trabalho semanal nas escolas públicas não se completa com as disciplinas de ciências e ou biologia, esses, são obrigados a assumirem disciplinas de outro campo de conhecimento para não ficarem à disposição do Estado e serem alocados em outras escolas. Isso tem gerado uma relação conflituosa dos professores com sua profissão, nos levando a questionar as razões de suas permanências junto a ela. A abordagem qualitativa teve na pesquisa-formação o aporte de analisar essas histórias. O modo como a profissão foi se ajustando e dialogando com a vida dessas professoras anuncia práticas aviltadas por um processo de desvalorização que necessita de mudanças.

Palavras Chave: licenciados em ciências, condições de trabalho, o fenômeno do professor excedente, histórias de vida, formação docente.

Abstract

We present what we have called the “Teacher Surplus Phenomenon”, the training and working reality of graduates in Biological Sciences of Guanambi (Bahia). Investigating the working life of these teachers, we have noticed a very common practice in the profession: when a teacher's allotted weekly work hours in a public school are not completed with classes in science or biology, the teacher is required to teach courses in other fields of knowledge to avoid been relocated by the State to another school. This situation has been generating an adversarial relationship between teachers and their professions, leading us to question the reasons that keep them working. We used a qualitative approach in our research-training to

analyze these stories. The way the profession was adjusting itself and generating friction with the lives of these teachers demonstrated debased practices and a devaluation process that needs to be changed.

Key words: graduates in Sciences, working conditions, the teacher surplus phenomenon, life stories, teacher training.

Introdução

Na realidade visitada em nossa pesquisa de mestrado, um dos aspectos que tem sido ponto de discussão, junto aos professores e gestores das escolas públicas municipais e estaduais é aquilo que estamos denominando de “fenômeno do professor excedente”. No campo de investigação é comum ouvir, de um lado, o gestor argumentando que é necessário preencher a carga horária dos professores com as disciplinas que nem sempre estão associadas com a sua área de formação, de outro, as queixas dos professores de que estão tendo que ministrar disciplinas para a qual não foram formados, por conta de ficarem sem preencher sua semana de trabalho, em sala de aula.

Para os professores licenciados em Biologia é bem comum ensinar física, química, geografia, matemática e até língua portuguesa, com o intuito de não ficarem excedentes em suas escolas. Embora nosso trabalho de mestrado, que fora iniciado em março de 2013, não tenha como pretensão de pesquisa averiguar profundamente estas questões, uma vez que estamos preocupados em responder às perguntas: como as professoras de ciências, dos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, das escolas públicas do município de Guanambi se forjam na profissão a partir de suas bases formativas e de trabalho? O que elas elegem como elementos de encontrar-se na profissão professor na sua caminhada de trabalho na escola? Quais condições de trabalho que estão submetidas tais professoras? Essa situação apresentada acima saltou aos olhos, e, por esta razão, apresentamos nesse encontro algumas leituras sobre essas contradições aparentemente tão comuns na realidade daqueles professores.

No bojo dessa preocupação trouxemos algumas questões que pretendemos responder ao longo desse texto, uma delas é a seguinte: o que os professores pensam sobre sua realidade? O que essa situação nos mostra sobre o pensar a necessidade formativa e o acesso ao mundo do trabalho para esses professores?

Nesse texto, não pretendemos esgotar o assunto, mas apresentar as vozes desses professores, e contribuir para ampliar o acesso às informações acerca da realidade de vida, formação e trabalho no interior do nosso país, tomando como referência a cidade de Guanambi, interior da Bahia.

A discussão teórica discorre sobre a formação e as condições de trabalho dos professores de Ciências Biológicas, esta, dividida em duas partes: a primeira, sobre a formação do professor ciências para o trabalho em escolas públicas. A segunda, sobre o trabalho docente como ocupação ou profissão? Da necessidade de um reconhecimento social.

Na caminhada da pesquisa de mestrado, tomamos como referência teórico-metodológica a pesquisa formação, utilizada por Josso (2004), que, através de uma análise compreensiva-interpretativa da realidade, nos tem ajudado a entender melhor a realidade do nosso professorado. Atualmente, trabalhamos com quatro professores licenciados em ciências biológicas, mas até “desenhar nossos sujeitos de pesquisa” tivemos acesso à realidade 35 docentes, que atuam junto às disciplinas de ciências e biologia daquelas escolas públicas, o

que nos deu informações que aqui compartilhamos sobre a história de vida desses professores no mundo do trabalho.

De nossos instrumentos construídos para conhecer a realidade investigada e os sujeitos de nossa pesquisa, a visita às escolas, a construção de listagens do corpo de professores, com seu tempo de serviço, distribuição de suas disciplinas, bem como sua formação, fez parte de uma primeira etapa. A segunda etapa se constituiu na criação de um roteiro de entrevista e eleição do perfil do corpo entrevistado. Atualmente estamos na fase de análise das narrativas e apresentação destas.

Esperamos que este trabalho apresente um pouco da realidade de nossos professores no interior do Brasil e que aproxime mais o processo formativo do exercício docente como coisas dialogáveis e necessárias.

A formação do professor de Ciências para o trabalho em escolas públicas

Já é de conhecimento que formação para o exercício docente se dá através dos cursos de licenciatura, de graduação inicial ou pelos programas especiais de formação de professores, exemplo deste último é o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. No entanto, em nossa região nem sempre isso é uma realidade. A formação do professor de ciências, então é realizada nas instituições de ensino superior, que ofereça a licenciatura em ciências biológicas. Na realidade de nossas escolas, muitos de nós, constituíram-se professores de ciências no dia a dia da necessidade da região ou daqueles que buscavam a docência como alternativa de emprego. Era e ainda é muito comum que vários professores, que atuam em nossas escolas, tenham chegado com conhecimentos variados e acentaram-se na profissão e se formaram, de maneira contínua e com as experiências de seus colegas. Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, Lei 9394/96, torna-se uma condição para o ingresso e permanência na carreira docente a formação mínima em licenciatura. Uma política de proporção nacional entra em cena, através dos planos nacionais de educação, que pleiteavam e ainda pleiteiam a formação continuada dos professores para atender a esta demanda de amparo legal. Assim, para muitos de nós a formação em cursos como os oferecidos pelo PARFOR se tornou uma realidade. No entanto, na medida em que a graduação se materializa, a tentativa de colocar os professores, dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, em suas áreas de atuação nas disciplinas, de acordo com a formação, se torna um desafio.

Em sua trajetória de formação, as contradições passam a fazer parte de seu exercício docente. O professor é formado para uma licenciatura e, em seu campo de trabalho, é direcionado para ensinar outra disciplina, para a complementação de sua carga horária ou para preencher as carências existentes na escola, ou ainda por estar *excedente* na disciplina de sua formação. Independente de ter tido seu acesso via concurso, contrato temporário e ou processo seletivo.

Muitos se submeteram e ainda se submetem a uma segunda licenciatura com o apoio do governo do estado ou até mesmo do município, para ficarem mais a vontade de lecionarem em outras áreas distintas de sua primeira formação. Mesmo assim, isso não tem sinalizado para uma mudança de atitude ou de comportamento administrativo.

Entre os 35 professores investigados, na fase inicial da pesquisa, tanto os efetivos quanto os contratados, estão hoje nas escolas ensinando ciências, mas também, artes, química, matemática, educação física, geografia, língua portuguesa, história, dentre outras.

Diante desse contexto, ao fazer uma trajetória da formação do professor de Ciências Biológicas e ou Biologia, no Brasil, tanto Villela (2011), Saviani (2008, quanto Candau (2002) apontam que esses movimentos formativos dos últimos anos tiveram por finalidade principal a habilitação e ou a qualificação dos professores em uma licenciatura específica, para atender às exigências mínimas legais da LDB, com desdobramentos para a melhoria da qualidade da nossa Educação Básica. Isso pode ser observado nas conclusões de autores como Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009), Gil-Perez e Carvalho (2000) e Candau (1987). No entanto, percebemos que essa formação passou por um processo de aligeiramento que provocou lacunas no exercício da docência. Diante desse percurso, o processo de formação e de trabalho docente, na busca da legitimação da profissão professor e de uma identidade com a profissão envolve a construção de autonomia, a valorização profissional e os saberes construídos na própria prática dos professores, no espaço em que vivenciam o seu fazer pedagógico, conforme já anunciado por Tardif e Lessard (2013), Nóvoa (2007, 1999), Oliveira (2006), Arroyo (2004, 2000) e Contreras (2002).

Pensar sobre a formação docente é fazer o exercício de entender como essa profissão se forja na história de formar pessoas para serem professores. Assim, pensamos que formação implica processo de conhecimento de determinada área, em que a pessoa se qualifica para exercer uma função na sociedade. Nesse contexto, a formação não é só a sala de aula, mas envolve leituras, pesquisas, planejamento, o trabalho na escola, etc.

Portanto, a necessidade de um espaço de articulação, de reflexão sobre a profissão, as condições de trabalho docente se reflete no exercício da profissão dentro da sala de aula e nos vários espaços de formação. Pois, tornar-se professor é o resultado de vivências, de aprendizagens na trajetória de vida formativa e profissional. E, essa aquisição de conhecimentos vai se agregando à vida profissional, ao processo formativo. Assim, os saberes da experiência se fundamentam na competência profissional, com a vivência com o outro, com os saberes do outro, num processo de aprendizagem contínua, de troca e aquisição de conhecimentos.

O trabalho docente como ocupação ou profissão? Da necessidade de um reconhecimento social

Se o processo formativo é contínuo e processual e precisa de um envolvimento de partilha por todos os envolvidos no processo, o trabalho docente, por sua vez, demanda uma formação continuada como também reconhecimento da carreira docente, por todos que compõem a sociedade.

No dia a dia do professor, o trabalho envolve o exercício da profissão com seus pares. Esse trabalho reflete, no fazer pedagógico da profissão, a perspectiva de valorização profissional dos professores. Conforme as narrativas das professoras colaboradoras dessa pesquisa, elas contam que a sala de aula como espaço de mediação de conhecimento, para o professor, de prestígio de seu trabalho está deixando a desejar. A falta de instrumentos, de laboratórios de Ciências, a imposição de disciplinas, que são submetidas a trabalharem, distintas de sua formação são contradições vivenciadas em seu dia a dia docente. Consideram que deve haver políticas públicas mais efetivas, por parte das esferas municipal, estadual e federal, na melhoria das condições de trabalho dos professores, em seu processo de exercício e de ocupação docente.

A preparação de conteúdos, o tempo em que o professor se dedica para a elaboração de planejamento, muitas vezes, não é reconhecido pelos alunos, nem pelos governantes, pois o valor do seu trabalho dificulta a sua vida, com relação às condições financeiras, segundo as

participantes da pesquisa. Muitas vezes, tem que complementar sua renda familiar, ensinando outras disciplinas, oposta a sua formação, em outra escola, em outro município, na maioria das vezes, distante de sua residência. Isso compromete o seu trabalho docente, pois o número de horas para planejamento é reduzido, pelo tempo de dedicação com outros afazeres. Em suas falas, as professoras denunciam os dilemas de sua profissão, como o tempo que ocupam, no percurso de uma escola para outra, que deveria está se dedicando a várias outras leituras para expansão de informações, conhecimentos em sua área de atuação.

O ambiente do trabalho do professor sempre é visto como uma ocupação. Nunca é aceito como o momento que está em sua casa, como um tempo que é dele, que está discutindo, fora de seu espaço residencial, as questões sobre educação, sobre as condições de trabalho, sobre a formação. O trabalho na sala de aula é confundido como o exercício de sua docência, mas exercer a profissão vai além da sala de aula, envolve a discussão entre colegas, o planejamento, a relação família-escola, as leituras, a pesquisa, a interação entre professores, não só na escola, mas nos vários espaços em que compartilham conhecimentos, informações.

Frigotto (2010, p. 39), considera trabalho, “enquanto uma relação social que expressa a forma pela qual os homens produzem sua existência, como o elemento de unidade do técnico e do político, do teórico e do prático, no processo educativo.”. Emílio Fanfani (2011, 2005), em seus escritos, faz uma reflexão sobre o trabalho docente, e considera que se trata de uma atividade especializada, que muda com o tempo e que envolve ensino e aprendizagem, formação inicial e continuada, motivação, compromisso entre professor e aluno.

Desse modo, percebemos que o trabalho docente vem sendo discutido, ao abordar o desenvolvimento profissional, como uma forma de desempenho e de ocupação/profissão na carreira docente, onde o professor recebe um salário, em contraponto ao seu trabalho posto e a sua formação, nos espaços escolares em que desenvolve o seu fazer pedagógico.

Notamos que, embora com o um aumento significativo de produções em torno do trabalho docente como categoria de trabalhadores, ainda há muito que se pesquisar sobre essa área. (DINIZ-PEREIRA, 2007). Significa que, ao longo dos mais de 500 anos de educação no Brasil, só recentemente os espaços foram criados para problematizar esse profissional em seu aspecto sociológico como produto/produtor de uma classe profissional.

A formação e a trajetória profissional na compreensão e interpretação das narrativas das professoras de Ciências

Apresentamos, através das narrativas das professoras colaboradoras, alguns excertos no que se referem às contradições e diversidades que os professores de Ciências enfrentam em seu campo de trabalho. Ainda, as condições de trabalho que esses professores confrontam-se em seu cotidiano escolar. Esse processo se desdobra no mundo do trabalho, pois existe uma formação que é dada, mas que ao mesmo tempo desprepara o professor para seu dilema do dia a dia docente. Em nossas pesquisas, percebemos que o trabalho do professor é visto apenas como sala de aula, aja vista a fala das professoras Costa (2014), Magalhães (2014), Silva (2014) e Souza (2014). Por outro lado, a formação que é dada não é comprometida com a realidade das escolas. Quanto à escolha da disciplina para ensinar, em conformidade com a formação do professor, muitas vezes, isso não acontece. Há uma imposição de disciplinas para preencher o vácuo que existe na escola. O professor é submetido a aceitar qualquer coisa, o que tem disponível na escola para complementar sua carga horária. Essa imposição tem dificultado o trabalho docente.

Nessa perspectiva, Costa narra que sempre quis ser professora, e, que a escola vem melhorando muito com relação a sua estrutura física, entretanto, a preocupação com as condições de trabalho e a profissão professora, ainda, permanece no espaço em que exerce a sua docência. “Eu sei que é difícil, é uma profissão difícil.”. (Excerto da entrevista de COSTA, 2014).

Para Arroyo (2004, p. 9) “trabalhar com a educação é tratar de um dos ofícios mais perenes da formação da espécie humana”. Arroyo faz uma referência ao cruzamento de várias histórias de vida das professoras, cada qual com sua peculiaridade, sua subjetividade, mas ao mesmo tempo se aproximam em sua multiplicidade de experiências com a docência e com o dia a dia de ser professora, que vivenciam histórias diversas e próximas, pois se tratam de narrativas em que buscam e experienciam a legitimação da profissão professor.

Magalhães salienta que sempre pensou ser professora. Afirma sobre o avanço da instrumentalização escolar e das condições de trabalho em que ela e as demais colegas estão submetidas:

As condições de trabalho melhoraram muito! Bastante! Mas ainda não está ideal! Principalmente no 9º ano. A gente precisaria de um laboratório! Iniciação a Química, a Física. Eu faço algumas experiências para observar as reações químicas! Coisas que podem ser feitas. Têm algumas que não podem. A gente pesquisa. A gente faz trabalhos em grupo. Eu procuro usar o que tem! E procuro buscar sempre! (Excerto da entrevista de MAGALHÃES, 2014).

Segundo Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009, p. 12) “na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico, configurando a sociedade virtual e os meios de comunicação e informação incidem fortemente na escola.”. Compartilhamos com a ideia de Delizoicov, Angotti e Pernambuco sobre o enfrentamento de desafios, por meio de políticas públicas de governo nas escolas, no investimento da formação e no desenvolvimento profissional de professores. Em contrapartida, os docentes contribuem com seus saberes, valores, experiências na melhoria da qualidade da educação, em seu trabalho docente.

Silva conta sobre a falta de reconhecimento profissional, e, que os professores são:

[...] pouco reconhecidos, pouco remunerados, pouco respeitados, envelhecem precocemente, pois se dão demais no trabalho, sobrando pouco tempo, ou nenhum, para atividades que poderiam equilibrar-se, como situação como lazer, diversão, viagem, descanso, cuidados pessoais. (Excerto da entrevista de SILVA, 2014).

O professor, ao relatar a sua história de vida, Oliveira (2000, p. 17) assevera que, sistematiza acontecimentos significativos no seu processo de formação e subjetivação. Propõe “pensar o processo de produção do ser professor a partir de devires, de agenciamentos que atravessam os sujeitos e configuram subjetividades.”. Nóvoa (1999) salienta sobre a insatisfação profissional, a desmotivação pessoal, a ausência de uma reflexão crítica sobre a ação profissional e a lenta mudança de perspectiva de ensino. E, que é preciso inovações na área de formação de professores, do professor ter seu tempo pessoal e profissional.

Sobre a profissão e a experiência de trabalho, Souza delinea que:

[...] é da gente correr atrás de coisas novas, pra gente levar pra os nossos alunos, não é? Porque as mudanças instantâneas que vão acontecendo, a cada minuto muda uma coisa. E a gente não acompanha essa mudança. Então isso tira o nosso brilho. Às vezes você vai tão empolgada. Leva aquilo para a sala de aula, como novidade. Chega lá os alunos, falam: - Ah, professora, tem

outra coisa depois disso aí. Então, a gente tem que correr atrás, a gente tem que está atualizada, a gente tem que ler muito, a gente tem que preparar bastante. Porque essas inovações, essas mudanças instantâneas, que estão acontecendo tira o brilho da gente na sala. (Excerto da entrevista de SOUZA, 2014).

Conforme Nóvoa (2007, p. 8), os professores estão sujeitos, desde os últimos anos, às pressões e tensões sufocantes em sua profissão, “que cruzam as dimensões pessoais e profissionais.”. Nóvoa (1999) salienta sobre a desvalorização que os professores sentem com a sua profissão pela sociedade, a baixa remuneração, comparando com outras profissões com nível superior, a degradação de grande parte de seu local de trabalho, e, as críticas quanto à situação de ensino. O que vem provocando um mal-estar aos profissionais de educação. Essa situação denunciada por Nóvoa se intensifica nas narrativas das depoentes, nos excertos anunciados em suas histórias de vida profissional docente.

Algumas conclusões

Nesse processo de formação e de condições de trabalho em que estão submetidos os professores, sujeitados em seu espaço docente, percebemos que, forjadas no tempo e no espaço de educação, essas professoras vêm se legitimando em sua profissão, buscando sempre, uma formação continuada, uma segunda licenciatura. Entretanto, a sujeição em que incidem em seu campo de trabalho, extrapola a sua função de professor de determinada área, para atuar em outra, diferente de sua formação, causando desconforto e descontentamento docente.

Nesse contexto, acreditamos que as narrativas das professoras colaboradoras, por meio da pesquisa-formação, apresentam como vem se constituindo as condições de trabalho e a formação docente das professoras de Guanambi. Formam-se em Biologia e são obrigadas a dar aula em outra disciplina, ficando na condição de excedente. Essa legitimidade que é dada pela universidade ao professor, ao receber o diploma de Ciências Biológicas, para trabalhar naquilo que foi formado, vem sendo distorcida em seu campo de trabalho.

O formato como as Secretarias de Educação vêm forjando a vida cotidiana do professor demonstra o processo de estruturação do ensino fundamental e do ensino médio, preenchendo uma carga horária, na disciplina no qual o professor não foi formado. Esse impacto tem relação com o trabalho docente, tornando a vida difícil para o professor, como é apresentado nas vozes das colaboradoras da pesquisa. Havendo assim, uma distorção entre o processo formativo e aquilo que a realidade, também está necessitando. Essa condição de professor excedente vem sendo forjada na história da profissão dos professores do Sudoeste da Bahia. Para além das implicações propostas para a prática docente, como a formação continuada e melhoria nas condições de trabalho, por meio de políticas públicas que efetivem essa demanda, carece pensar também, em implicações para a pesquisa em ensino de Ciências Biológicas e de Biologia.

Referências

- ARROYO, M. G. **Imagens Quebradas**. Trajetórias e tempos de alunos e mestres. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CANDAU, V. M. **Rumo a uma nova didática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. (Coord.). **Novos rumos da licenciatura**. Brasília: INEP; [Rio de Janeiro]: Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1987.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M.; **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DINIZ-PEREIRA, J. E. D. **Formação de Professores: pesquisa, representações e poder**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FANFANI, E. T. Reflexiones sobre la construcción social del oficio docente. In: MEDRADO, C. V.; VAILLANT, D. (Coord.) **Aprendizaje y desarrollo profesional docente**. OEI, Fundación Santillana, Madrid, 2011, p. 39/47. (Metas educativas, 2021).

FRIGOTTO, G. **A produtividade na escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 9 ed. São Paulo: Cortez editora, 2010.

GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. M. P. **Formação de professores de Ciências: Tendências e inovações**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, A O passado e o presente dos professores. In: **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luisa Santos Gil. Porto: Porto editora, 1999, p. 13-34.

_____. **Vidas de professores**. Tradutores Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2 ed. Portugal, Porto: Porto editora, 2007.

OLIVEIRA, V. F. (Org.). **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: UNIJUI, 2006.

_____. (Org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Rio Grande do Sul: Ijuí: UNIJUI, 2000.

SAVIANI, D. **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Prefácio. ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs.). Campinas: Alínea, 2008, p. 7.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Terra, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10267>>. Acesso em: 20 out. 2013.

TARDIF, M. ; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VILLELA, H. O. S. A primeira escola normal no Brasil: concepções sobre institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs.). **As escolas normais no Brasil**. Campinas: Alínea, 2008, p. 29-45.